

RELAÇÕES COMERCIAIS BRASIL-ÁSIA-CHINA: APROXIMAÇÕES COM O COMPLEXO PRODUTIVO SUÍNO- AVÍCOLA DE SANTA CATARINA

Eduardo von Dentz ¹

Ana Júlian Faccio ²

1

Resumo: O complexo produtivo suíno-avícola se consolidou no estado de Santa Catarina desde um gradual processo de transformação dos anos 1960 até o presente momento. Tornou-se relevante no Brasil ao contribuir no abastecimento de carnes congeladas e derivados, bem como no mundo, ao ampliar as exportações, especialmente para a Ásia. O objetivo do artigo é compreender o processo de evolução da relação comercial de Santa Catarina com a China e os países asiáticos, nos produtos ligados ao complexo produtivo de suínos e aves. A metodologia envolveu levantamento bibliográfico e de dados e cruzamento de ambos. Entre 2006 e 2020, as exportações catarinenses de suínos e frangos estavam mais voltadas para a China, mas nos últimos anos se ampliou para outros países, especialmente da Ásia. Nas exportações de frango destacam-se as compras do Japão, China e Emirados Árabes Unidos. Nas exportações de suínos destacam-se as compras das Filipinas, China e Japão.

Palavras-chave: complexos produtivos; suínos; aves; relação comercial; Brasil-China-Ásia.

BRAZIL-ASIA-CHINA TRADE RELATIONS: APPROACHES TO THE PIG AND POULTRY PRODUCTION COMPLEX IN SANTA CATARINA

Abstract: The pork and poultry production complex has consolidated in the state of Santa Catarina since a gradual transformation process that began in the 1960s and continues to this day. It has become important in Brazil by contributing to the supply of frozen meat and meat products, as well as globally by expanding exports, especially to Asia. The objective of this article is to understand the evolution of Santa Catarina's trade relationship with China and Asian countries in terms of products handled by the pork and poultry production complex. The methodology involved a bibliographic and data survey and cross-referencing of both. Between 2006 and 2020, Santa Catarina's pork and chicken exports were more focused on China, but

¹ UFC, eduardovondentz@hotmail.com, <https://orcid.org/0000-0002-0280-1149>

² IFRS, ana.faccio@erechim.ifrs.edu.br, <https://orcid.org/0009-0006-8072-0623>

in recent years they have expanded to other countries, especially in Asia. In chicken exports, purchases by Japan, China, and the United Arab Emirates stand out. In pork exports, purchases by the Philippines, China, and Japan stand out.

Keywords: productive complexes: pigs; chickens; trade relation; Brazil-China-Asia.

**RELACIONES COMERCIALES ENTRE BRASIL-ASIA-CHINA:
APROXIMACIONES CON EL COMPLEJO PRODUCTIVO PORCINO Y
AVÍCOLA DE SANTA CATARINA**

Resumen: El complejo productivo porcino-avícola se consolidó en el estado de Santa Catarina a partir de un proceso gradual de transformación que se inició en la década de 1960 y continúa hasta la actualidad. Adquirió relevancia en Brasil al contribuir al abastecimiento de carnes congeladas y derivados, así como en el mundo, al ampliar las exportaciones, especialmente a Asia. El objetivo del artículo es comprender el proceso de evolución de la relación comercial de Santa Catarina con China y los países asiáticos en lo que respecta a los productos relacionados con el complejo productivo porcino y avícola. La metodología consistió en una recopilación bibliográfica y de datos y el cruce de ambos. Entre 2006 y 2020, las exportaciones de cerdos y pollos de Santa Catarina se orientaron principalmente hacia China, pero en los últimos años se han ampliado a otros países, especialmente de Asia. En las exportaciones de pollo destacan las compras de Japón, China y los Emiratos Árabes Unidos. En las exportaciones de cerdos destacan las compras de Filipinas, China y Japón.

Palabras clave: complejos productivos; chanchos; pollos; relación comercial; Brasil-China-Asia.

Introdução

As relações comerciais entre Brasil e China tiveram significativo crescimento a partir dos anos 2000. Enquanto no ano de 2006 o Brasil exportou quase US\$ 1 bilhão para a China, em 2024 esse valor atingiu quase US\$ 100 bilhões (MDIC, 2025). No mesmo período, as importações brasileiras da China passaram de US\$ 7,97 bilhões para US\$ 63,6 bilhões, o que denota um crescimento expressivo do superávit comercial brasileiro com a China (MDIC, 2025). As exportações brasileiras para a China se expandiram principalmente em produtos como minério de ferro e soja, enquanto as importações se expandiram no setor de máquinas, equipamentos e produtos tecnológicos.

Neste contexto, o estado de Santa Catarina exportou para a China US\$ 109,2 milhões no ano de 2006 e US\$ 1,3 bilhão no ano de 2024 (MDIC, 2025). Nas exportações catarinenses para a China, no ano de 2006 elas representaram 10,9% do total nacional e no ano de 2024 elas representaram apenas 2% do total, apesar do crescimento nos valores exportados. Já nas importações, Santa Catarina passou de US\$ 441,8 milhões no ano de 2006 para mais de 14,6 bilhões no ano de 2024. Nas importações catarinenses da China, no ano de 2006 elas representaram 5,5% do total importado pelo Brasil e no ano de 2024 elas representaram 22,9% do total. Com isso, Santa Catarina é um estado brasileiro que aumentou a dependência da China na questão comercial, ampliando seu déficit comercial. Esse déficit é marcado, dentre outros produtos, por importações de máquinas e produtos tecnologicamente mais avançados.

Ademais, esse déficit comercial de Santa Catarina com a China, por exemplo, não significa dizer que o potencial exportador do estado tenha diminuído. Ao contrário, enquanto no ano de 2006 Santa Catarina exportou um total de US\$ 5,9 bilhões, no ano de 2024 alcançou cerca de US\$ 11,6 bilhões em exportações. Desse total, no ano de 2024, 16,6% das exportações do estado foram de carne de frango e 13,6% de carne suína. Esses dois segmentos produtivos, suínos e aves (frangos), com a produção muito concentrada na região Oeste do estado de Santa Catarina, são exatamente o objeto de investigação no presente artigo. A tese de von Dentz (2022) demonstrou que segmentos produtivos como os de suínos e aves se consolidaram na região e

Von Dentz & Faccio, *Relações comerciais Brasil-Ásia-China: aproximações com o complexo produtivo suíno-avícola de Santa Catarina*

DOI: 10.51308/continentes.v1i29.849

contribuem, no período mais recente, para o transbordamento de capital em outros setores econômicos, o que pode ser entendido como ampliação da complexidade geoeconômica regional. Por sua vez, Faccio (2025) demonstrou que os setores produtivos de suínos e aves são verdadeiros complexos produtivos regionalmente bem organizados no Oeste catarinense. No entanto, recebem e cumprem exigências do mercado internacional a todo momento, ao mesmo tempo em que entregam ao mercado internacional condições específicas para produção de carnes dentro dos parâmetros exigidos e com preço competitivo. Trata-se da globalização da produção que, geograficamente, vai muito além do recorte regional e nacional.

Neste contexto, pela capacidade produtiva e ampliação das relações comerciais nos segmentos de suínos e aves, o estado de Santa Catarina e mais especificamente a região Oeste catarinense, aumentaram seus negócios com países do sudeste asiático, incluindo a China. Diante disso, o objetivo do artigo é compreender o processo de evolução da relação comercial de Santa Catarina com a China, especialmente nos produtos ligados ao complexo produtivo de suínos e aves. Metodologicamente, o trabalho foi desenvolvido com pesquisa qualitativa (Gil, 2008) a partir de três passos principais: 1) revisão bibliográfica sobre o que levou o sudeste asiático e a China se tornarem parceiros comerciais de grande importância para o estado de Santa Catarina; 2) levantamento, organização e sistematização dos dados sobre relações comerciais entre Brasil (Santa Catarina) e o sudeste asiático e a China, focalizando nos produtos de carnes de frango e de suína; 3) cruzamento da base bibliográfica com os dados levantados, se pretendendo qualificar as análises sobre os resultados alcançados com a pesquisa que levou à este artigo.

Visando o alcance do objetivo anteposto, o artigo foi dividido em três partes principais além desta introdução e das conclusões, quais sejam: 1) sobre a dinâmica geoeconômica da China, o crescimento dos países do sudeste asiático e o aumento da demanda por alimentos nesta região do mundo; 2) sobre o potencial produtivo do Brasil na produção de carnes suína e de frangos e a consolidação do complexo produtivo suíno-avícola em Santa Catarina; e 3) é apresentado um breve panorama

sobre a dinâmica das exportações catarinenses do complexo produtivo suíno-avícola para a China e o sudeste asiático.

A geoeconomia da China, o crescimento econômico nos países do sudeste asiático e a demanda por alimentos

As transformações econômicas que ocorreram na China partiram de diferentes ações projetadas pelo Estado após a revolução de 1949 liderada por Mao Tsé-tung e após as reformas de abertura de Deng Xiaoping, iniciadas em 1978. Essas transformações também estiveram ancoradas no conjunto de investimentos estratégicos colocados em prática pelo Estado chinês, os quais podem ser sintetizados nas “quatro modernizações” (Sperancete, 2021). São modernizações que envolveram planejamento estratégico de médio e longo prazo e vigorosos investimentos na agricultura, na indústria, na defesa e em ciência e tecnologia (Jabbour e Gabriele, 2021).

Dos anos 1980 em diante, a economia chinesa e seu padrão de desenvolvimento e consumo deram um salto qualitativo que muitos chamam “Milagre Chinês”. Mas, para Jabbour (2020, p. 50), “[...] não se trata de um milagre, muito menos de um acaso [...]”, trata-se de uma nova economia surgindo e que possui características de um “socialismo de mercado”, além de apresentar traços do keynesianismo, da planificação soviética e do capital financeiro.

Para tentar explicar a economia chinesa, Jabbour e Gabriele (2021) trabalham sobre o conceito de “economia do projetamento”, que em Rangel, era a *modus operandi* que surgia da convergência dos três eventos: “[...] a inauguração da planificação econômica em larga escala na Rússia soviética, o aparecimento do keynesianismo não-militarizado presente na reconstrução europeia no pós-1945 e o papel do capital financeiro no suporte de grandes projetos e bens públicos” (Jabbour et al., 2021, p. 7). Ou seja, essa nova economia que surge, vem para tornar-se “[...] uma alternativa objetiva à dinâmica da financeirização do capitalismo” (Jabbour et al., 2021, p. 7).

A definição de economia do projeto, neste sentido, propõe uma interpretação que direciona para o entendimento de que é um “[...] estágio superior de desenvolvimento da economia socialista de mercado chinesa, fruto de novas e superiores formas de planificação econômica” (Jabbour; Boa Nova; Vadell, 2024, p. 384). Dessa maneira, o projeto pode ser entendido como uma forma de planejamento com viés no desenvolvimento da economia nacional, com crescimento econômico e diminuição das desigualdades. Mas, mais do que isso, a China possui projetos de desenvolvimento a longo prazo, entre eles os planos quinquenais.

O ano de 1978 marca a “[...] fusão do Estado revolucionário fundado por Mao Tsé-Tung com o Estado desenvolvimentista asiático internalizado por Deng Xiaoping” (Jabbour, 2020, p. 31). Essa fusão transformou o mercado interno chinês, com reformas na agricultura, que “[...] permitiu trocas mercantis e produziu elevações de produtividade e aumento do consumo rural, logo fazendo florescer indústrias rurais precocemente ligadas ao mercado tanto interno quanto externo” (Jabbour, 2020, p. 31). Emergem empresas familiares, onde o sistema socialista se reinventou e “fabricou fabricantes”, como destaca Jabbour (2020).

Na década de 1980, também começaram as reformas nas empresas estatais da China, e nos anos de 1990 essas empresas passaram por processos de fusão e privatizações. No final deste processo de reformas, a China contava com “[...] 149 conglomerados empresariais estatais com crescente capacidade de atuar no mercado” (Jabbour, 2020, p. 32). Ademais, nos anos 1980 a China criou as Zonas Econômicas Especiais (ZEEs), que permitiram a entrada de investimentos internacionais. Nessas áreas o governo incentivou atividades produtivas para exportação, mas também incentivou o desenvolvimento tecnológico. Isso fez com que inúmeras fábricas de diferentes partes do mundo se instalassem nessas regiões, conectando a China ao mercado global e aumentando a demanda por emprego urbano e crescimento do poder de compra da população.

A entrada da China na Organização Mundial do Comércio (OMC) em 2001 também foi um passo importante, na medida em que permitiu uma grande ampliação do comércio exterior com os mais diferentes países do mundo e a continuidade dos investimentos

estrangeiros de forma estratégica. Neste contexto, também se ampliaram as relações comerciais entre Brasil e China. A combinação do “[...] fim do regime militar no Brasil e as reformas introduzidas por Deng Xiaoping na China, bem como o final da Guerra Fria, criaram condições necessárias para dar conteúdo às relações sino-brasileiras” (Cariello et al., 2024, p. 3).

O avanço mais acentuado das relações comerciais entre Brasil e China passou a se fortalecer a partir de 2009, quando o país se tornou o principal importador de produtos brasileiros, destacando-se entre eles os produtos agropecuários. “A China é o principal parceiro comercial do Brasil, tendo a corrente de comércio alcançado US\$ 160 bilhões em 2023” (MDIC, 2024). Em 2024 essa relação se aprofundou com a assinatura de mais 37 acordos bilaterais entre Brasil e China, dando maior fluidez as exportações dos produtos do agronegócio brasileiro. Vale ressaltar que o Brasil é o principal fornecedor, para o mercado chinês, de produtos agropecuários como a “[...] soja, carne bovina, milho, açúcar, carne de frango e carne suína” (Cariello et al., 2024, p. 6).

Essa relação veio se ampliando nos últimos anos, sendo que novos acordos firmados destacam a habilitação de plantas industriais brasileiras para exportação de carne de aves e suínos no estado de Santa Catarina, por exemplo. Duas dessas plantas estão localizadas na região Oeste do estado, sendo elas a unidade da Aurora de Guatambú e a unidade da MBRF³ em Chapecó. A MBRF, controlada pela Marfrig, obteve a aprovação da China para o embarque de aves pela unidade de Chapecó no ano de 2025. Já a planta da Seara localizada em Itajaí foi habilitada para a exportação de dois tipos de produtos: aves e suínos (Folha Max, 2025).

No entanto, não foi só a China que ampliou as relações comerciais com o Brasil no campo dos produtos agropecuários. O sudeste asiático como um todo apresenta-se como uma região de países em franco processo de desenvolvimento econômico e de ampliação da demanda por alimentos. De acordo com Cui et al (2024), os países da

³ Essa sigla passou a ser adotada a partir do momento em que a Marfrig e a BRF se fundiram, em setembro de 2025, tornando-se um dos maiores conglomerados do setor agroalimentar do Brasil e do mundo.

Asean⁴ apresentaram robusto crescimento econômico após os anos 2000, sendo que Laos, Camboja e Vietnã foram os que mais aceleraram, com crescimento econômico médio anual acima dos 14%, o que é muito superior às médias de crescimento de países desenvolvidos, como é o Japão e os Estados Unidos. Indonésia, Malásia, Tailândia e Singapura também se encaixam nessa onda de desenvolvimento, ampliando seus processos de industrialização, de comércio e ampliação da capacidade de consumo da população.

O crescimento desses países demandou a ampliação de compras internacionais, inclusive de produtos agroalimentares. Neste contexto, as exportações brasileiras para os países do sudeste asiático aumentaram de cerca de US\$ 1,5 bilhões no ano de 2002 para mais de US\$ 10,3 bilhões no ano de 2016 (Cui et al, 2024). A participação do sudeste asiático nas exportações totais do Brasil passou de 2,5% para 5,6% no mesmo período. A importação dos produtos brasileiros por esses países tem destaque nos produtos do segmento agropecuário, incluindo a soja, a carne de frango, a carne bovina, a carne suína, o algodão e outros.

Neste contexto, a ampliação da demanda por alimentos na Ásia vai muito além do “fator China” e envolve uma gama de outros países da Asean. No entanto, a China permanece como principal parceiro comercial do Brasil, sendo que os produtos agroalimentares ocupam lugar de destaque na pauta exportadora brasileira. Assim, o complexo produtivo de suínos e aves de Santa Catarina, conforme será visto no último tópico do artigo, vem mostrando importante contribuição para o fornecimento de produtos derivados de suínos e frangos para esses países. Se considerado a ampliação dos mercados de carnes do complexo produtivo suíno-avícola de Santa Catarina com os países do sudeste asiático e com a China, pode-se afirmar que as relações comerciais do estado com essa região da Ásia são essenciais para a avicultura e a

⁴ A ASEAN (Associação de Nações do Sudeste Asiático) é uma organização intergovernamental regional criada em 1967, com o objetivo de promover a cooperação econômica, política e a estabilidade regional. Fundada por Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura e Tailândia através da Declaração de Bangkok, o bloco expandiu-se para incluir 10 membros permanentes e observadores estratégicos. Atualmente, a ASEAN é composta por Indonésia, Malásia, Filipinas, Singapura, Tailândia, Brunei, Vietnã, Laos, Mianmar e Camboja. Os últimos 5 países ingressaram após 1980 no bloco.

suinocultura catarinenses, que possui seus complexos produtivos consolidados, mas necessita de mercados externos para manter suas capacidades produtivas.

O potencial produtivo do Brasil e a formação do complexo produtivo suíno-avícola em Santa Catarina

O Brasil é um dos principais produtores mundiais de suínos e frangos, ao contar com um conjunto de fatores climáticos e tecnológicos para o desenvolvimento dessas cadeias produtivas. Ligado à produção animal, vale frisar que o Brasil se beneficia de condições naturais para a produção de grãos, sem a qual é mais difícil produzir cadeias produtivas de carnes, como é o caso dos suínos e aves. A soja e o milho juntos, por exemplo, representam cerca de 80% da alimentação animal nesses setores (ABPA, 2025).

Existe, neste sentido, uma integração vertical dessas cadeias produtivas que permite custos mais competitivos no mercado global. De acordo com os dados de 2025, na carne de frangos, o Brasil é o maior exportador mundial e na carne suína o Brasil é o terceiro maior exportador mundial (USDA, 2025). Além disso, esse potencial reflete não apenas a escala, mas também a eficiência sanitária, com baixos índices de doenças infecciosas ou transmissíveis, que são alcançados em função de rigorosos controles veterinários.

O potencial produtivo do Brasil foi ampliado nos últimos anos pela inovação tecnológica e a expansão de mercados internacionais. Os investimentos em melhoramento genético, automação de granjas e manejo sustentável elevaram a produtividade média tanto de suínos quanto de frangos, numa linha de avanço dos dados de produtividade que vem desde os anos 1970 (von Dentz, 2022). Neste aspecto, as pesquisas desenvolvidas por empresas privadas e principalmente pela Empresa Brasileira de Pesquisa e Agropecuária (Embrapa) foram fundamentais.

Mais recentemente, políticas governamentais como o Plano ABC+ para a agricultura de baixa emissão de carbono fomentam a adição de tecnologias que reduzem o impacto ambiental, enquanto acordos comerciais com diferentes países, mas especialmente com a China e o Sudeste asiático, garantem uma demanda internacional estável. Só no

Von Dentz & Faccio, *Relações comerciais Brasil-Ásia-China: aproximações com o complexo produtivo suíno-avícola de Santa Catarina*

DOI: 10.51308/continentes.v1i29.849

ano de 2025, as exportações de carne suína do Brasil cresceram 15% em relação a 2024, consolidando o país como fornecedor chave em um mercado global que projeta demanda crescente desse produto até 2030 (USDA, 2025). Por outro lado, alguns desafios como as mudanças climáticas, a dependência de insumos tecnológicos importados e as variações nos preços exigem estratégias para a sustentabilidade desses setores. Mesmo assim, as projeções do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento do Brasil (MAPA, 2025), indicam que a produção de suínos pode crescer em 25% e a de frangos até 20%, ambas até 2030.

Neste contexto, o estado de Santa Catarina é um dos principais produtores nacionais tanto de frangos quanto de suínos. No caso dos suínos, no ano de 2025 o estado respondeu por cerca de 40% da produção nacional e no caso da carne de frangos o estado respondeu por cerca de 22% da produção nacional (IBGE, 2025). Neste sentido, a produção de suínos e frangos do estado de Santa Catarina é fortemente concentrada na região Oeste do estado. De acordo com os dados do IBGE (2025), no ano de 2024 o rebanho de suínos do estado estava cerca de 80% concentrado na região Oeste, enquanto o rebanho de frangos estava cerca de 75% concentrado no Oeste do estado. Em razão desses dados, ao abordar a formação do complexo produtivo suíno-avícola da região, será dada maior atenção ao processo ocorrido no Oeste do estado.

A região Oeste Catarinense foi ocupada por pequenos proprietários policultores, que precocemente deram início ao desenvolvimento da pequena produção mercantil. Entre eles, se destacaram Attílio Fontana (fundador da Sadia) e os fundadores da Perdigão (Pedro Ponzoni, Angelo Ponzoni, Giovanni Brandalise e Ricardo Brandalise). Eles impulsionaram o desenvolvimento econômico regional, inovando na produção de suínos e, posteriormente, de aves.

Além da Sadia e da Perdigão, em 1956, em Seara/SC, foi inaugurado o primeiro frigorífico de grande porte na cidade, especializado em abater aves e suínos, chamado frigorífico Seara. Em 1969, surgiu a Cooperativa Central Oeste Catarinense, atualmente Aurora Coop, fundada por um grupo de cooperativas oriundas do grão, formaram uma central. Essa central e seus representantes, de oito cooperativas, liderados por Aury Luiz Bodanese, fundaram uma cooperativa para industrializar a produção de suínos na

região Oeste Catarinense, que mais tarde passaria a ser chamada Cooperativa Central Aurora Alimentos. Nas palavras de Aury Bodanese, a cooperativa Aurora “[...] teria todas as outras cooperativas como filiadas. Não se trataria de mais uma cooperativa e sim uma cooperativa industrial” (Silvestrin, 1999, p. 39). Segundo Farias (2015, p. 225), Aury Bodanese “[...] liderou a elaboração de uma estrutura cooperativista que veio, em décadas posteriores, modificar as relações de produção colocando no cenário concorrencial um sistema de cooperativas que iria tornar-se um dos grandes complexos agroindustriais”.

Além da importância dos empresários inovadores, destaca-se a atuação do governo federal para fomentar o início dessas agroindústrias. Desde 1930, o governo desenvolvimentista de Getúlio Vargas incentivou a pequena produção mercantil. Mamigonian (2011, p. 79) afirma que “[...] quando os latifundiários nacionalistas da campanha gaúcha, com Getúlio Vargas à frente, lideraram a revolução de 1930, favoreceram as regiões de pequena produção mercantil de São Paulo e do Sul do Brasil”. Assim, a política de industrialização nacional reforçou a expansão das pequenas indústrias no Oeste catarinense e em outras áreas de pequena produção mercantil.

A região sul do Brasil passa a destacar-se com a pequena produção mercantil, ligada à imigração europeia do século XIX. O sul do Brasil teve sua transformação industrial ligada principalmente à indústria de bens e equipamentos. No Rio Grande do Sul, destaca-se a produção de máquinas agrícolas, carrocerias de caminhões e ônibus; em Santa Catarina, destaca-se a produção de motores elétricos, produção de máquinas industriais, cerâmica, agroindústrias, entre outros.

Mamigonian (2011) salienta que o avanço industrial de Santa Catarina, e de todo o Sul do Brasil, significou uma grande mudança qualitativa, pois a região deixou de ser periferia do centro dinâmico paulista. O processo de urbanização e industrialização na década de 1950, a alta demanda pelos produtos, bem como as mudanças no padrão de consumo da sociedade também corroboraram ao aumento da produção de carnes (suínos e aves) na região Oeste Catarinense. Assim, a demanda por alimentos da região Sudeste, principalmente São Paulo, que se tornou um centro industrial com grande

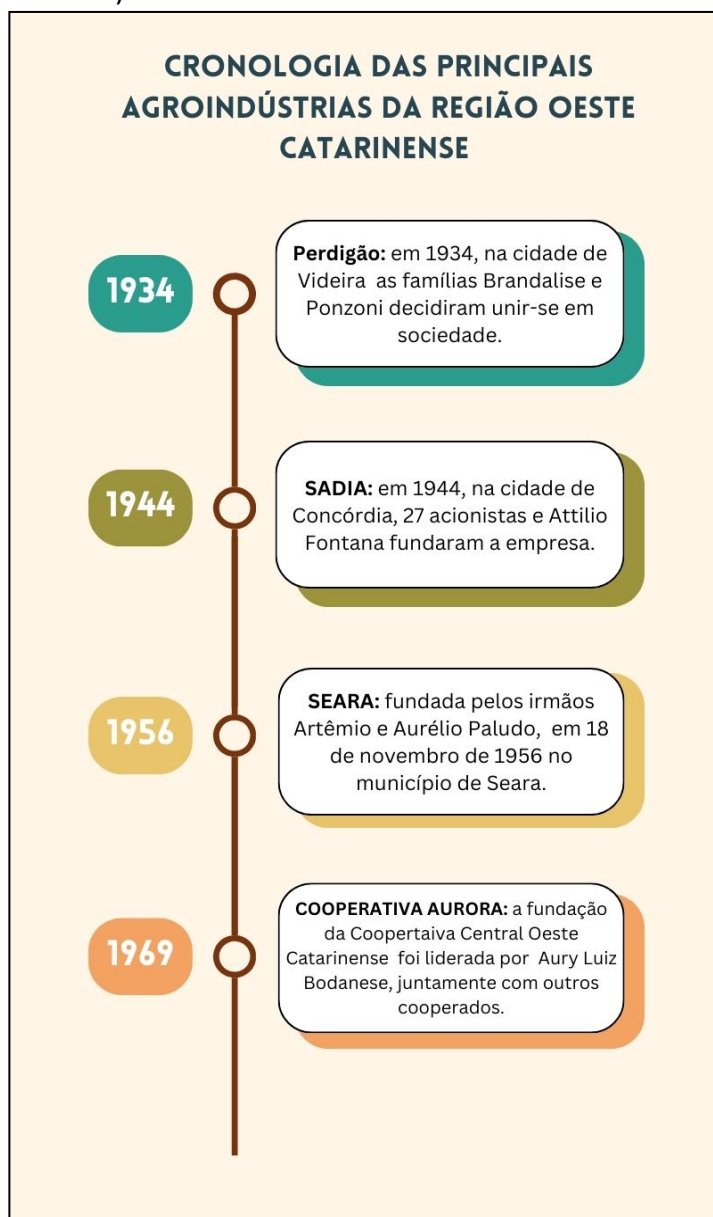
concentração da população na área urbana, possibilitou alavancar a agroindústria na região Oeste catarinense, que se tornou parceira comercial desse estado.

A vista disso, Graziano da Silva (1998, p. 48), enfatiza que “[...] o período de 1930/1965 corresponde a integração dos mercados nacionais de alimentos e de matérias-primas”. Ou seja, foi o período de expansão comercial da região Oeste para o mercado nacional de alimentos. Esse avanço industrial foi impulsionado por políticas de financiamento agrícola através de planos de governo, tanto federal como estadual. A partir da década de 1950, “[...] o governo brasileiro passa a se preocupar, por assim dizer, definitivamente, com o setor agroindustrial.” (Espíndola, 2002, p. 53). Um exemplo, foi o plano de metas de Juscelino Kubitschek (JK), que segundo Belik (1992, p. 63), “[...] tinha o objetivo de promover um programa de modernização da produção agrícola, entre as metas do segmento da alimentação estavam, frigoríficos e matadouros, mecanização da agricultura e fertilizantes, entre outros.”

Com a modernização da agricultura e a integração da agricultura no sistema capitalista industrial, “[...] há mudanças tecnológicas e rupturas das relações arcaicas e do domínio do capital comercial.” (Graziano da Silva, 1998, p. 30). Essas mudanças possibilitaram a integração do campo com a indústria, ou seja, as bases técnicas de processamento da produção de alimentos passam a fazer parte do meio agrário. No fim dos anos de 1950 até 1960, o aperfeiçoamento de técnicas na agricultura e a acumulação de capital pelas pequenas propriedades mercantis para criação de suínos e aves, possibilitou, anos mais tarde, que esses produtores se tornassem fornecedores da matéria prima para as agroindústrias na região Oeste Catarinense. Assim, a região, desde os anos 1960, desenvolve um complexo agroindustrial pujante e enraizado nas pequenas propriedades.

Dessa forma, na região Oeste, o capitalismo inicia-se e aprofunda-se com a pequena produção mercantil que possibilitou a estruturação econômica e social na região. Neste sentido, as técnicas de produção foram se aperfeiçoando e os agronegócios passaram a se integrar nas cadeias produtivas e nas indústrias. A linha do tempo apresentada na Figura 1 elucida o surgimento das principais agroindústrias na região Oeste de Santa Catarina.

Figura 1: Cronologia do surgimento das principais agroindústrias da região Oeste Catarinense (1934-1969)

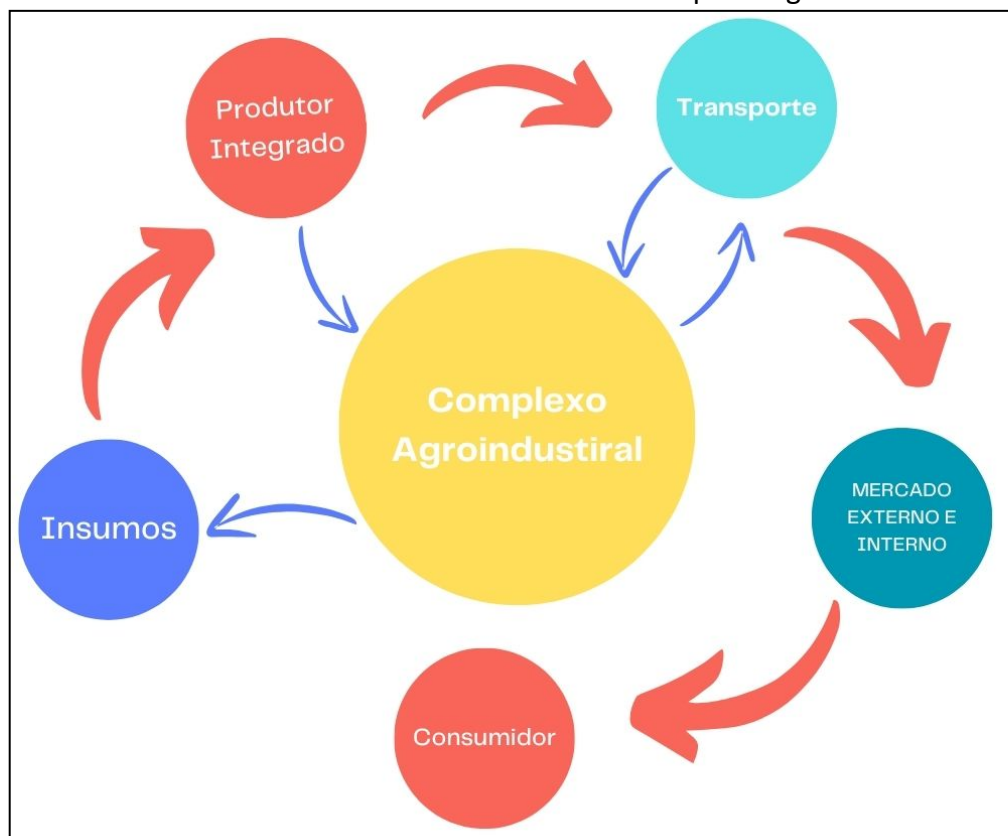


Fonte: elaboração própria, com base nos relatórios das empresas e cooperativas

Diante desse processo de nascimento (Figura 1), amadurecimento e transbordamento do capital industrial ligado ao processamento de grãos e carnes na região Oeste catarinense, formaram-se monopólios e oligopólios industriais. Hoje, essa concentração da produção em poucas empresas é chamada de complexo agroindustrial. Entende-se por complexo agroindustrial um conjunto de atividades

econômicas-agrícolas, industriais, comerciais e financeiras que apresentam elevado grau de integração entre si (Brum, 1988). Para Contini *et al.* (2006, p. 6), o “[...] valor agregado do complexo agroindustrial passa, obrigatoriamente, por cinco mercados: o de suprimentos, o de produção propriamente dita, processamento, distribuição e o do consumidor final”. Esse processo está presente no complexo produtivo suíno-avícola, a relação entre o complexo agroindustrial e os produtores integrados, que por sua vez, dependem da agroindústria, está interligado. Os insumos (ração, medicamentos, entre outros) vêm das agroindústrias (Embrapa, 2024). Os produtores enviam a produção para indústria que os envia para os mercados externo e interno, para consumidores, através de redes de transportes. A figura 2 ilustra os setores e atores envolvidos no complexo agroindustrial.

Figura 2: Processos envolvidos no funcionamento do complexo agroindustrial



Fonte: elaboração própria

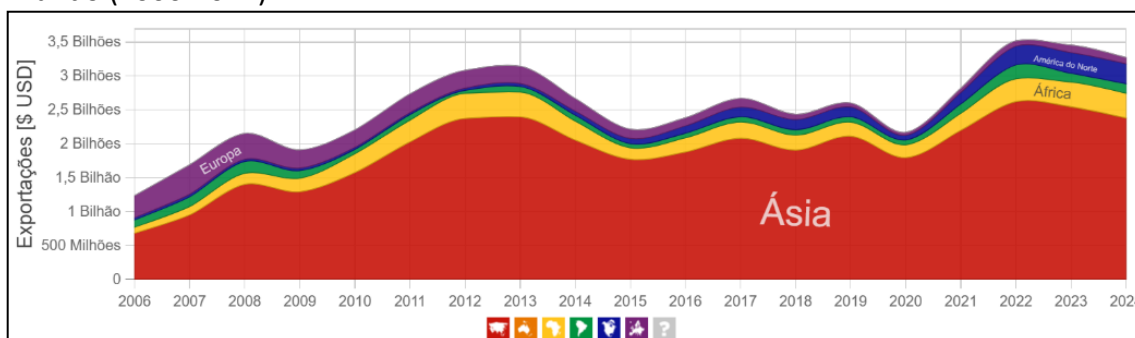
As relações do complexo agroindustrial ilustrado na figura 2, busca considerar os fluxos econômicos entre diversos setores e segmentos, os quais formam o encadeamento

técnico-produtivo de tipo sistêmico que funciona como redes de relações entre empresas e produtores. A concentração e centralização de capitais gerou a concentração da produção e, conseqüentemente, a formação dos complexos agroindustriais na região Oeste catarinense. Esses complexos formam uma rede de relação entre as empresas e os produtores e um conjunto de atividades produtivas integradas. Nesse contexto, de acordo com o IBGE (2025), o rebanho de suínos do estado de Santa Catarina passou de 5,7 milhões de cabeças no ano 2004 para 9,3 milhões de cabeças no ano de 2024. No caso da produção de frangos, considerando o mesmo período, ocorreu a manutenção de um rebanho de aproximadamente 140 milhões aves. Entretanto, tanto na produção de suínos quanto na de frangos, o número de produtores reduziu consideravelmente no intervalo de 20 anos, o que permite afirmar que o processo de concentração e centralização da produção que ocorreu dos anos 1960 até os anos 1990 foi aprofundado nas duas primeiras décadas do século XXI.

As exportações catarinenses de suínos e aves para a China e o sudeste asiático: um breve panorama

As exportações catarinenses são bastante diversificadas em termos de produtos, se comparado a pauta exportadora de outros estados do Brasil. No entanto, os produtos derivados de frangos e suínos são parte importante do quantitativo que o estado exporta. Através dos dados da figura 3 é possível perceber essa diversificação da pauta exportadora catarinense, considerando os dados de 2025, e a participação importante dos setores de carnes suína e de frangos, que atingiram mais de 30% do total exportado pelo estado em 2025.

Figura 4: evolução das exportações da carne de frango catarinense por região do mundo (2006-2024)



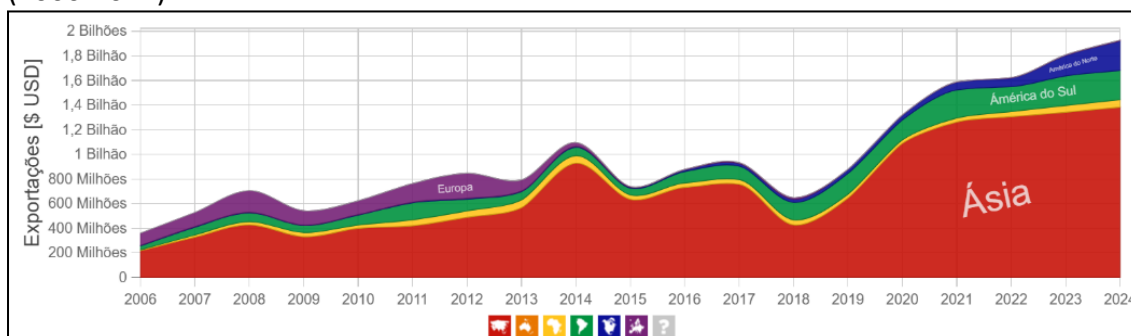
Fonte: Data Viva (2024)

Das exportações de carne de frango para a Ásia (Figura 4), no ano de 2024 o Japão, os Emirados Árabes Unidos e a China foram, nesta ordem, os principais compradores (Data Viva, 2024). A China perdeu posição para Japão e EAU em relação aos dados de 2023, quando era o principal destino de carnes de frango catarinense. Neste sentido, conforme apontam os dados do Data Viva (2024), no ano de 2006 apenas 5% das exportações catarinense de carne de frango eram para a China, em 2015 esse percentual atingiu cerca de 14% e em 2024 recuou para cerca de 11%⁵ do total.

No caso da carne suína, as exportações do estado de Santa Catarina também demonstraram variações após 2006 para a China e o continente asiático como um todo. No ano de 2006, Santa Catarina exportou um total de US\$ 390 milhões de carne suína e atingiu, neste segmento, 1,9 bilhão em exportações no ano de 2024 (Data Viva, 2024). Em 2006, cerca de 55% dessas exportações foram para países asiáticos, enquanto em 2024 cerca de 75% das exportações foram para os países da Ásia. A evolução das exportações de carne suína de Santa Catarina por grande região do mundo, considerando o período entre 2006 e 2024, pode ser visualizada na figura 5.

⁵ Inclui-se nessas porcentagens a participação de Hong Kong nas importações de carne suína catarinense. Ademais, ressalta-se os volumosos investimentos chineses em cadeias produtivas da produção animal, como é o caso da produção de suínos. Esses investimentos fazem parte da visão estratégica da China de diminuir a dependência externa daqueles produtos que podem ser produzidos internamente.

Figura 5: Evolução das exportações da carne suína catarinense por região do mundo (2006-2024)



Fonte: Data Viva (2024)

Das exportações de carne suína catarinense para a Ásia (Figura 5), no ano de 2024 as Filipinas, a China e o Japão foram, nesta ordem, os principais compradores (Data Viva, 2024). A China perdeu posição para as Filipinas em relação a 2023, quando se apresentava como o principal parceiro comercial do estado, com ampla vantagem em relação ao segundo colocado (Filipinas, em 2023). A China, cabe frisar, aumentou substancialmente sua produção de suínos a partir de maciços investimentos na intensificação dos processos de verticalização da produção, literalmente, criando suínos por etapas em prédios. Ademais, após enfrentar queda na produção de suínos em função da peste suína africana ocorrida na China entre 2018 e 2020, o país recuperou seu plantel de cabeças de porcos e voltou a figurar como principal produtor mundial de suínos, em 2022.

Apesar de ser o maior produtor mundial de suínos, pela quantidade da sua população consumidora, necessita continuar importando grandes volumes de parceiros comerciais como o Brasil, com as compras intensificadas do estado de Santa Catarina, um dos maiores produtores do Brasil, tanto de suínos quanto de frangos. Neste sentido, conforme apontam os dados do Data Viva (2024), no ano de 2006 apenas 8,4% das exportações catarinense de carne suína eram para a China, em 2015 esse percentual atingiu cerca de 11% e em 2024 passou para cerca de 22%⁶ do total.

Neste sentido, os municípios do Oeste de Santa Catarina são os que se destacam nas exportações desses produtos para a Ásia, tais como: Chapecó, São Miguel do Oeste,

⁶ Inclui-se nessas porcentagens a participação de Hong Kong nas importações de carne suína catarinense.

Ipuaçu, Concórdia, Xanxerê, Ipumirim, dentre outros. Essas exportações são realizadas pelo porto de Itajaí, localizado na foz do rio Itajaí, próximo do entroncamento entre a BR-470 e a BR-101. O porto de Itajaí é um dos que mais movimenta cargas refrigeradas do Brasil e por onde passam os produtos exportados de todo o Oeste catarinense para a Ásia. No entanto, os dados do Data Viva (2024), da forma como estão organizados no seu portal de acesso aos dados, impossibilita demonstrar quais são, efetivamente, os municípios do Oeste do estado que se destacam nessas exportações, haja vista que o portal de dados credita a grande maioria dessas exportações para o município de Itajaí, que é onde se localiza o porto. Essa questão precisa ser corrigida no portal, uma vez que o município onde se localiza o porto não é onde os produtos são produzidos. Isso gera, ao analisar os dados no portal Data Vida, uma ilusão de que Itajaí é um grande produtor/exportador de carnes de suínos e aves, quando na verdade o município apenas é onde se localiza o porto e não onde essas carnes são produzidas.

Diante disso, é possível “resolver” essa análise a partir da exploração dos dados por município, onde aparece os valores, quantidades e percentuais exportados. Assim, quando os dados são acessados na escala dos municípios, fica claro que a compreensão do processo que tornou a China um parceiro comercial estratégico para as cadeias produtivas de suínos e aves de Santa Catarina faz-se cada vez mais necessária. Neste momento da história, no entanto, as análises envolvendo produtos como suínos e aves precisam ser ampliadas, uma vez que outros mercados da Ásia passaram a fazer parte importante das exportações de carnes, como é o caso da Coreia do Sul, Omã, Catar, Emirados Árabes, Indonésia e Filipinas.

Do posto, os dados fazem sentido quando abordados no bojo do conjunto teórico metodológico apresentado nos primeiros itens do artigo, ao defender que ampliação das compras de produtos agroalimentares pela China e por países asiáticos não é fruto do acaso ou de um simples aumento da demanda. São países que estão crescendo economicamente de forma planejada, especialmente a China, e demandando maiores quantidades de produtos alimentares para populações consideráveis que necessitam destes produtos para além da capacidade interna de produção. Assim, além da China, merece destaque a ampliação das relações geoeconômicas de Santa Catarina com

outros países asiáticos, especialmente do sudeste do continente, com forte ampliação das compras nos últimos anos.

Considerações finais

As relações comerciais entre Brasil e China foram ampliadas nos últimos anos. Para além dos produtos tradicionalmente citados como os grandes responsáveis por esta relação comercial em nível de Brasil, como a soja e o minério de ferro, no caso de Santa Catarina e mais especificamente a região Oeste do estado, quando se trata da relação comercial com a China e com a Ásia, merece ser dada importância aos setores de carnes de frango e de suínos.

A região Oeste do estado de Santa Catarina desenvolveu, desde a segunda metade do século XX um complexo produtivo suíno-avícola (Faccio, 2025) capaz de contribuir sobremaneira para suprir parcela da demanda nacional de carnes e com alto potencial exportador. Tratam-se de setores produtivos dinâmicos e com alto grau de integração envolvendo o produtor, a agroindústria e o mercado consumidor. São complexos produtivos que funcionam com redes de informação e de transporte e logística capazes de fornecer fluidez ao deslizamento dos produtos pelo território (Silveira, 2019), ainda que o desenvolvimento que esses complexos provocam no território seja desigual e muitas vezes descoordenado de necessidades do seu próprio sistema de funcionamento.

Portanto, são setores econômicos dinâmicos, com tecnologia embarcada nos processos produtivos que tem encontrado nos mercados da Ásia possibilidades de ampliação e fortalecimento. No entanto, os dados deixam claro que a China é um importante parceiro comercial, mas não o único. O olhar das relações geoeconômicas sobre carnes de frango e de suínos do estado de Santa Catarina com o exterior, precisa ser ampliado para o Leste e Sudeste asiático, sendo essas duas regiões que abrangem os países que mais cresceram nas compras dos produtos catarinense. Cabe ressaltar também, que a Aurora Coop, uma empresa cooperativa que atua no Oeste do estado de Santa Catarina e com forte potencial exportador, inaugurou no final de 2025 uma representação comercial na cidade de Xangai (Aurora Coop, 2025).

Assim, ao mesmo tempo em que se abre caminho para ampliação e fortalecimento dos complexos produtivos de suínos e frangos de Santa Catarina, também aumentam os desafios com a demanda por mão de obra, a sucessão no comando das unidades produtivas e o amadurecimento tecnológico interno capaz de depender menos da tecnologia importada (Von Dentz e Espíndola, 2024).

Referências Bibliográficas

- ABPA. *Relatório anual de desempenho da avicultura e suinocultura brasileira*. São Paulo: Associação Brasileira de Proteína Animal. 2025.
- AURORA COOP. *Aurora Coop abrirá unidade em Xangai para incrementar vendas ao sudeste asiático*. Disponível em: <https://auroracoop.com.br/aurora-coop-abrira-unidade-em-xangai-para-incrementar-vendas-ao-sudeste-asiatico/>. Acesso em: ago. 2025.
- BELIK, Walter. *Agroindústria processadora e política econômica*. Tese (Doutorado) Instituto de Economia, Universidade de Campinas (UNICAMP), 1992.
- CARIELLO, Tulio et al. (org.). *Carta Brasil-China: parcerias que moldam o futuro - 50 anos de relações diplomáticas Brasil-China*. Brasília, DF: Conselho Empresarial Brasil-China, ago. 2024.
- CONTINI, E. et al. Evolução recente e tendências do agronegócio. *Revista de Política Agrícola*. Brasília, CONAB, ano XV, n. 1, jan.fev.mar.2006, p. 528. Disponível em: <https://seer.sede.embrapa.br/index.php/RPA/article/view/475>. Acesso em: 10 ago. 2025.
- CUI, Y. et al. *Rapid socioeconomic growth in Southeast Asia: evidence from nighttime light observations*. IEEE Journal of Selected Topics in Applied Earth Observations and Remote Sensing, vol. 17, pp. 5294-5302, 2024.
- DATA VIVA. *Exportações de carnes suína e de aves do estado de Santa Catarina*. 2024. Disponível em: <https://www.dataviva.info/graficos>. Acesso em: 04 fev. 2026.
- EMBRAPA. *Tecnologias para avicultura e suinocultura sustentável*. Brasília: Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, 2024.
- ESPÍNDOLA, Carlos. José. *As agroindústrias de carne do Sul do Brasil*. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo. FFLCH/USP, 2002.
- FACCIO, A. J. *A geoeconomia dos complexos produtivos de suínos e aves na região Oeste catarinense*. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Programa de Pós graduação em Geografia, Ponta Grossa-PR, 2025.
- FARIAS, Fernando Rodrigo. *A dinâmica econômica do cooperativismo agropecuário do Sul do Brasil*. Tese (doutorado) Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós Graduação em Geografia, Florianópolis, 2015.
- FOLHA MAX. *China habilita frigoríficos no Brasil*. 2025. Disponível em: <https://www.folhamax.com/economia/china-habilita-seis-frigorificos-de-mt/430599>. Acesso em: ago. 2025.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas: São Paulo, 2008.
- GRAZIANO DA SILVA, J. *A nova dinâmica da agricultura brasileira*. 2 ed. Unicamp, 1998.

- IBGE. *Produção Pecuária Municipal*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2025. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3939>. Acesso em: 02 mar. 2025.
- JABBOUR, E. M. K.; BOA NOVA, V.; VADELL, J. “O caminho chinês”: desenvolvimento desigual, projeto e socialismo. *Caderno Metr pole*, São Paulo, v. 26, n. 59, p. 377-399, 2024.
- JABBOUR, E. K.; GABRIELE, A. *China: o socialismo do século XXI*. 1 Ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- JABBOUR, E. M. K. *China socialismo e desenvolvimento: sete décadas depois*. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Anita Garibaldi; Fundação Maurício Grabois, 2020.
- JABBOUR, E. M. K. et al. A (nova) economia do projeto e planejamento como estágio superior do socialismo chinês. *Revista de Desenvolvimento e Civilização*, Rio de Janeiro, v. 2, p. 1-34. 2021. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/rdciv/article/view/66264>. Acesso em: 9 jun. 2025.
- MAMIGONIAN, Armen. A indústria de Santa Catarina: dinamismo e estrangulamento. In: MAMIGONIAN, Armen et al. (org.). *Santa Catarina: estudos de geografia econômica e social*. Florianópolis: UFSC, 2011. p. 73-120. (Série Livros Geográficos, IV).
- MAPA. *Projeções do agronegócio brasileiro: Brasil 2025/2030*. Brasília: Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento, 2025.
- MDIC. *Brasil e China buscam integração de sistemas para facilitar comércio bilateral*. Brasília-DF. 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/mdic/pt-br/assuntos/noticias/2024/setembro/brasil-e-china-buscam-integracao-de-sistemas-para-facilitar-comercio-bilateral>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- MDIC. *Resultados do comércio exterior brasileiro – dados consolidados*. 2025. Disponível em: https://balanca.economia.gov.br/balanca/publicacoes_dados_consolidados/pg.html. Acesso em: 15 jan. 2026.
- MDIC. *Produtos exportados por Santa Catarina*. 2025. Disponível em: <https://comexstat.mdic.gov.br/pt/comex-vis>. Acesso em: 04 mar. 2026.
- SILVEIRA, M. R. Circulação, transporte e logística e seus impactos na fluidez e na competitividade territorial no Brasil. In: SILVEIRA, M. R. e JUNIOR, N. F. F (Orgs.). *Circulação, transportes e logística no Brasil*. Florianópolis: Insular. 2019.
- SILVESTRIN, Alvirio. *Bodanese: a geração de um pioneiro*. 2 ed. Chapecó, coleção biografias, 1999.
- SPERANCETE, L. F. M. As “quatro modernizações” e o processo reformista chinês entre 1978 e 1992: uma análise estrutural. *Revista Pesquisa e Debate*, São Paulo, v. 33, n. 2, p. 87-120, 2021.
- THE PEOPLE’S GOVERNMENT OF FUJIAN PROVINCE. *Outline of the 14th Five-Year Plan (2021-2025) for National Economic and Social Development and Vision 2035 of*
- Von Dentz & Faccio, *Relações comerciais Brasil-Ásia-China: aproximações com o complexo produtivo suíno-avícola de Santa Catarina*
DOI: 10.51308/continentes.v1i29.849

the People's Republic of China. Fujian, 9 ago. 2021. Disponível em: https://www.fujian.gov.cn/english/news/202108/t20210809_5665713.htm. Acesso em: 9 jun. 2025.

USDA. *World agricultural supply and demand estimates*. Washington, DC: United States Department of Agriculture, 2025. Disponível em: <https://www.usda.gov>. Acesso em: 1 mar. 2026.

VON DENTZ, Eduardo. *A dinâmica geoeconômica da mesorregião Oeste catarinense: dos agronegócios à complexidade econômica regional*. 2022. 484 f. Tese (Doutorado em Geografia) –Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2022.

VON DENTZ, Eduardo; ESPÍNDOLA, Carlos José. Complexidade geoeconômica e as análises geográficas regionais. *Mercator*, Fortaleza, v. 23, out. 2024. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/e23032>. Acesso em: 04 mar. 2026.

Data de Submissão: 28/06/2026

Data da Avaliação: 28/08/2026